

## Especial / Novo Hamburgo 97 anos

# Ascensão, queda e recomeço: a jornada de Novo Hamburgo

Cidade chega aos 97 anos de emancipação neste 5 de abril, mas história é bem mais antiga, cheia de reviravoltas e personagens

HUGO GERHARDT/ACERVO FUNDAÇÃO ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL



Hamburgo Velho, em 1922, foi polo importante para o desenvolvimento

**Historiador da Fundação Scheffel, Paulo Daniel Spolier** lembra que o caminho percorrido por Novo Hamburgo até estes 97 anos tem um ponto de partida. Esta jornada começou a ser trilhada onde foi erguido o Monumento ao Imigrante, que fica na Sociedade Aliança, no bairro Vila Nova. Foi neste entorno que o primeiro lote de terras de 70 hectares foi distribuído a um alemão chamado Johann (João em português) Libório Mertz, o avô de Jacobina, aquela da Revolta dos Muckers. Bem, mas esta é outra história. Libório desembarcara por aqui com a mulher Magdalena em novembro de 1824, no porto de São Leopoldo.

O pequeno povoado foi crescendo em direção a Hamburgo Velho, na época chamada de Hamburgenberg (Morro do Hamburguês). Neste caminho surge outro João: o Peter Schmitt. Na primeira metade do século XIX, ele fixa morada onde hoje fica o museu Casa Schmitt-Presser, na Av. Gen. Daltro Filho. No lugar, monta um negócio de compra e venda. “Ele comprava o que as colônias produziam de excedente e vendia por aqui e em Porto Alegre. Aí começa a acumular capital e desenvolve um polo diferenciado em relação a outras colônias, que eram agrícolas. Aqui era mais urbanizado para a época”, contextualiza o historiador.

Este polo comercial de Hamburgenberg estimulava um fluxo contínuo de pessoas. “Os colonos começaram a descer para vender queijo, linguiça, aipim, ovos, batata, milho, tudo o que produziam a mais nas propriedades para subsistência. E compravam na venda do Johann Peter aquilo que eles não tinham, como vela, tamanca, sal”, explica Spolier. A estrutura do armazém chegou a ter um posto bancário.

Os negócios, que já iam bem, cresceram durante a Revolução Farroupilha (1835 e 1845). “O Johann Peter ganhou muito dinheiro vendendo para Porto Alegre sitiada pelos farrapos. Neste processo, o irmão dele foi morto e ele perdeu o olho com um tiro. Nesta época rolou muita grana para dentro deste universo colonial”, detalha o historiador.

Esta prosperidade em Hamburgenberg começou a atrair e a revelar talentos. Alemães que haviam atravessado o Oceano Atlântico com o pretexto de serem agricultores começaram a exercer ofícios que realmente sabiam fazer. Assim, artesão, carpinteiro, ferreiro, sapateiro e até médico ampliaram a mão de obra especializada na colônia. “O pessoal começou a vir pra cá ao ver que era um centro de negócios. O segundo caminho de desenvolvimento foi aqui em Hamburgo Velho.”



Desenvolvimento da cidade acelerou onde hoje fica o centro histórico de Hamburgo Velho

DIVULGAÇÃO



Inauguração do Monumento ao Imigrante, construído no local que marcou o início da colonização do que hoje é a cidade

GUSTAVO BAYS/PMPN/ARQUIVO



ACERVO FUNDAÇÃO ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL

Locomotiva que chegava à estação de trem onde hoje fica a Praça do Imigrante (detalhe) fez o povoado de Hamburgenberg se estender até o novo polo de desenvolvimento, contribuindo para a formação do município de Novo Hamburgo

## Chegada do trem no “lugar errado” fez povoado crescer

A chegada do trem fez o povoado de Hamburgenberg trilhar um novo caminho. Em 1867, a Assembleia Provincial aprovou o projeto de um ramal que ligasse Porto Alegre à região colonial. As obras foram iniciadas quatro anos depois. O primeiro trecho de 33 quilômetros até São Leopoldo foi concluído em 1874. O restante da linha, até Novo Hamburgo, entregue dois anos depois. Só que surpreendentemente o trem não parava em Hamburgenberg. Mas num descampado a três quilômetros do povoado, próximo ao Arroio Luiz Rau, onde hoje fica a Praça do Imigrante. Os engenheiros responsáveis pela obra batizaram a linha como New Hamburg. Nascia assim mais um caminho de desenvolvimento do que viria a se tornar Novo Hamburgo.

“Hamburgo Velho, que era o núcleo de povoamento, começa então a se espichar em direção à área central da cidade atualmente. Daí surgiram o que hoje são as ruas General Osório, a Domingos de Oliveira, a Júlio de Castilhos, a Joaquim Nabuco, todas estas vias em direção a esta janela aberta para o mundo que foi o trem”, conta o historiador

da Fundação Scheffel.

Coincidemente, o dono das terras aonde chegou o trem era Adão Adolfo Schmitt, filho caçula do Johann Peter. Com o dinheiro que ganhou com a estação em suas terras, construiu imóveis como o casarão em estilo neoclássico que hoje abriga a Fundação Scheffel, do ladinho do museu Casa Schmitt-Presser.

Mas seguindo no caminho do trem, entre Hamburgenberg e a estação brotou progresso. “Do Colégio Santa Catarina até a atual sede da Delegacia de Polícia, havia oito curtumes. Daí para diante isso só cresceu. Foi uma colonização de um novo espaço na cidade”, pontua Spolier.

Apesar da produção de artigos de couro ascender nesta época, o parque fabril do lugar era bem diversificado, entre molduras exportadas para a América Latina, bebidas, móveis requintados, conservas, balas e doces, cigarros e charutos, ourivesaria, metalurgia e atividades que muita gente nem imagina. “Chegou a ter duas fábricas de ônibus. Gente que começou a fazer carreta de boi produziu ônibus e vendeu para todo o Brasil antes da Segunda Guerra.” (continua na página 4)



Paulo Spolier